

**RETAIINHOS
DE SARIINHOS**



(Coleção Imaginação e Pensamento, I)

R E T A L H O S

D E S A R I L H O S

Setembro 2019



SUMÁRIO

Nota e contexto	I
A Dama do Pé de Cabra - A. Herculano	3
O diabrete da garrafa - R. L. Stevenson	5
A mulher alta - Pedro. A. de Alarcón	7
O desejo de ser um índio - Franz Kafka	8
O retrato de Dorian Gray - Óscar Wilde	9
Frankenstein - Mary Shelley	I0
A história do falecido Sr. Elvesham - H. G. Wells	II
Sem porta - Thomas Wolfe	I2
A casa assombrada - Virgínia Woolf	I3

Nota prévia

Nesta compilação reúnem-se fragmentos de obras que não se reproduzem na íntegra, mas tão só num excerto que vale por si mesmo e que, em simultâneo, cumpre uma função evocativa da obra a que pertence, convidando o Leitor a descobrir (ou revisitar) o conto ou o livro que o contém.

Partimos de edições críticas de obras já caídas no domínio público, pertencendo os excertos que reproduzimos integralmente a edições publicadas há mais de vinte e cinco anos, por se encontrarem também já livres de direitos. Por esta razão, optámos por não seguir o Acordo Ortográfico de 1990.

A natureza colaborativa e os recursos disponíveis para a realização deste trabalho levaram à utilização de máquinas de escrever para a reprodução dos textos. A esta primeira razão cedo se juntaram outras motivações que acabaram por solidificar esta opção e que se prendem com a materialidade do processo. Com efeito, sentimos que não poderiam ser só as capas e as ilustrações a ter um carácter artesanal e a “aura de objecto único”. Também o texto teria de ser “vivenciado” e “sentido” de forma mais corpórea do que a simples edição digital o permitiria. O recurso a máquinas não electrónicas permite esse contacto físico com a obra que outrora um autor escreveu, mas que agora pela nossa mão se exprime.

Ficam assim justificadas algumas imperfeições próprias de pessoas sem formação, experiência ou memória da dactilografia.

Contexto e entrelaços

Contexto (do latim contextu-“tecido”, part. pass. de
contexere, “tecer, entrelaçar”)

Esta é a primeira antologia editada pela EVA Cartonera no âmbito da colecção “Imaginação e Pensamento”, que reúne fragmentos de nove obras no âmbito da relação entre a imaginação e a escrita, em narrativas do género fantástico que abrange não apenas autores clássicos do Romantismo como Alexandre Herculano, Mary Shelley e Óscar Wilde, mas também outras obras da denominada “Literatura da Imaginação” em que se criam mundos de fantasia com tonalidades góticas, sobrenaturais, de horror, maravilhosas ou grotescas.

Os nove textos cujos fragmentos aqui se apresentam são como retalhos ou partes de algo que se partiu ou fraccionou. São as sobras de uma peça maior, que nesta antologia se entrelaçam e se cosem transformando-se numa nova história. As linhas que unem estes retalhos são os sarilhos em que os habitantes destas histórias se metem. Com efeito, o sarilho é simultaneamente a “dobadoura em que se enrolam os fios das maçarocas para formar meadas” e a situação difícil, a desordem, dificuldade ou trapalhada em que estas personagens também nos envolvem.

Fica assim o convite para reviver as metamorfoses de Dorian Gray, do falecido Sr. Elvisham ou de Frankenstein; para relembrar os negócios com o diabo da garrafa de Stevenson ou dos pés forçados da Dama mourisca de Herculano; para nos deixarmos levar pelo medo que ronda as portas em que se escondem a Mulher Alta ou os fantasmas de Virginia Woolf; e, quem sabe, para esquecermos as rédeas, as esporas e o cavalo na pradaria dos sonhos índios.

A Dama do Pé de Cabra

Alexandre Herculano

Vós que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar, bem juntos de mim, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia.

E não me digam no fim: "Não pode ser". Pois eu sei inventar coisas destas? Se a conto é porque a li num livro muito velho, quase tão velho como o nosso Portugal. E o autor do livro velho leu-a algures ou ouviu-a contar, que é o mesmo, a algum jogral em seus cantares.

É uma tradição veneranda; e quem descrê das tradições lá irá para onde o pague.

Silêncio profundíssimo; porque vou principiar.

Pela manhã cedo de um dia sereno estava D. Diogo em sua armada, em monte selvoso e agreste, esperando um porco montês, que batido pelos caçadores, devia sair naquela assomada.

Eis senão quando começa a ouvir cantar ao longe: era um lindo, lindo cantar.

Alevantou os olhos para uma penha que ficava fronteira: sobre ela estava assentada uma formosa dama: era a dama quem cantava.

- Quem sois vós, senhera tão gentil; quem sois, que logo me cativastes?

- Seu de tão alta linhagem como tu; porque venho do semel de reis, como tu, senhor de Biscaia.

- Se já sabeis quem eu seja, ofereço-vos a minha mão, e com ela as minhas terras e vassalhos.

- Pois sabe que para eu ser tua é preciso que esqueças uma coisa.

- De quê, de quê, donzela? - acudiu o cava-

leiro com os olhos chamejantes.

- O de que eu quero que te esqueças é do sinal da cruz: o que quero que me prometas é que nunca mais hás-de persignar-te.

- Seja assim: está dito. Vá, com seiscentos diabos.

E levando a bela dama nos braços, cavalgou na mula em que viera montado.

Só quando, à noite, no seu castelo, pôde considerar miudamente as formas nuas da airosa dama, notou que tinha os pés forçados como os de uma cabra.

O diabrete da garrafa

Robert Louis Stevenson

"Já lhe disse porque suspiro", disse o homem. "É porque receio que a minha saúde esteja a fraquejar; e, como o senhor mesmo disse, morrer e ir para o inferno é um desgosto, seja para quem for. Quanto à razão porque a vendo tão barato, devo explicar-lhe que há uma particularidade com a garrafa. Há muito tempo, quando o diabo a trouxe à terra pela primeira vez, a garrafa era extremamente dispendiosa, e foi vendida pela primeira vez ao Preste João por muitos milhões de dólares; porém, de cada vez que ela é vendida, só pode sê-lo com prejuízo; se a vender pelo preço pelo qual a comprou, volta para si outra vez, como um pombo correio.

Sucede, portanto, que o preço tem baixado ao longo dos séculos e a garrafa é agora incomparavelmente barata. Eu mesmo a comprei a um dos grandes moradores da vizinhança desta colina, e o preço que paguei foi apenas noventa dólares."

"De facto esta garrafa é maravilhosa", disse Keawe.

"Então muito bom dia para si, meu caro, e o diabo o acompanhe."

E assim voltou a embarcar no navio e, quando abriu a sua arca, lá estava a garrafa, e tinha chegado mais depressa do que ele.

"O que se passa contigo?", disse Lopaka.

"Para que estás a olhar para dentro da arca?"

Estavam sózinhos no castelo de proa e Keawe pediu-lhe que guardasse segredo e contou-lhe tudo.

"É uma história estranha", disse Lopaka; "e tenho a impressão que ainda te vais meter em sarilhos por causa dessa garrafa. Mas há uma coisa que ficou clara - é certo que podes vir a meter-te em sarilhos e era melhor aproveitares-te já do negócio.

Decide o que queres fazer com ela; dá-lhe as tuas ordens e, se acontecer o que desejares, eu próprio te compro a garrafa".

(...)

"Senta-te aqui", disse Kokua, "e deixa-me contar-te uma história". E contou-lhe a história de Keawe do princípio ao fim.

"E acontece", disse, "que eu sou a sua mulher, que ele comprou pelo preço da sua alma. E que devia eu fazer? Se eu mesma fosse ter com ele para a comprar, ele recusaria. Mas se tu fores, ele vendê-la-á de bom grado; esperarei por ti aqui; vais comprá-la por quatro cêntimos e eu comprar-ta-ei de novo por três."

"Dá-me os quatro cêntimos e espera por mim aqui", disse o velho.

Neste momento quando Kokua ficou sozinha na rua, o seu espírito morreu.

O vento bramia nas árvores, e parecia o rugido das labaredas do inferno; as sombras cresciam à luz do candeeiro e pareciam-lhe mãos de demónios que vinham arrebatá-la.

Depois viu o velho que regressava e trazia a garrafa na mão.

"Fiz o que me pediste", disse ele.

Kokua escondeu a garrafa debaixo do holoku, despediu-se do velho e caminhou pela avenida, sem se importar para onde. Pois todas as estradas eram agora as mesmas para ela.

A mulher alta

Pedro Antonio de Alarcón

Regressava eu, como dizia, a casa, naquela noite, já a deseras, cheio de frio e de fome, com a vergonha e a repulsa que podes imaginar, pensando, mais do que em mim mesmo, no meu pai, velho e doente, a quem teria de escrever a pedir dinheiro, o que não lhe deixaria de lhe causar dor e espanto, já que me considerava numa posição muito boa e desafogada... quando, prestes a entrar na minha rua pelo lado que dá para a casa, vi no vão da porta fechada, de pé, imóvel e direita como um poste, uma mulher muito alta e forte, de uns sessenta anos de idade, cujos olhos sem pestanas, maldosos e insolentes, se cravaram nos meus como dois punhais, enquanto a boca desdentada me fez, à guisa de sorriso, uma careta horrenda...

A primeira coisa que me chamou a atenção foi a sua altíssima estatura e a largura dos ombros descarnados; depois, os olhos redondos, fixos e inexpressivos, olhos de mocho; e por fim o lenço novo de algodão que trazia na cabeça, atado debaixo do queixo, e um minúsculo leque aberto que tinha na mão e lhe cobria o seio, com affectado pudor.

Não há nada que seja mais ridículo e terrível, mais irrisório e sarcástico do que aquele lequezinho em mãos tão enormes, um leque que era como que o ceptro de fragilidade de uma gigante tão feia, velha e ossuda!

O desejo de ser um índio

Franz Kafka

Se ao menos eu fosse um índio.
Sempre alerta, correndo a galope num cavalo
veloz.
Inclinado contra o vento.
Pulsando continuamente sobre a terra pul-
sante.
Até soltar as esporas por não precisar de
esporas.
Até deitar fora as rédeas por não precisar
de rédeas.
Até acabar por avistar a planície rasa e
tendida à minha frente.
O pescoço e a cabeça do cavalo já desvane-
cidos.

O retrato de Dorian Gray

Óscar Wilde

E, pegando na candeia, abriu a porta e entrou. Atravessou-os uma fria corrente de ar e a luz ateou-se por momentos numa labareda quase rubra. Dorian estremeceu.

- Fecha a porta quando entrares - pediu ele, num sussurro, pousando a candeia sobre a mesa.

Uma exclamação de terror brotou dos lábios do pintor ao ver na penumbra o rosto hediondo da tela, que lhe lançava um esgar de escárnio.

Dorian Gray, encostado ao rebordo do fogão, fitava-o com aquela expressão singular que transparece nos rostos dos que se deixam absorver pela representação de um grande artista numa peça de teatro.

Não expressava verdadeiro desgosto ou verdadeiro prazer. Notava-se apenas a paixão do espectador talvez com um lampejo de triunfo nos olhos. Tirara uma flor da lapela e cheirava-a, ou fingia cheirá-la.

Frankenstein
Mary Shelley

Quando a noite chegou, deixei o meu refúgio para errar pelo bosque e então, já não sendo contido pelo medo, dei livre curso à cólera. Uivava como um animal selvagem que tivesse partido as grilhetas; destruí tudo por onde passei; corri como um louco pelo bosque com a rapidez do veado.

Oh, que noite miserável passei!

As estrelas frias brilhavam para zombar de mim, e as árvores nuas balouçavam os ramos por cima da minha cabeça; de vez em vez, o canto suave de um pássaro ressoava no silêncio universal. Todos, excepto eu, descansavam ou sentiam-se felizes; mas eu, como Satã, levava o inferno no coração; desejava partir as árvores, arrasar e destruir tudo quanto havia à minha volta, para poder depois alegrar-me com tal ruína.

Mas estas sensações violentas não podiam durar muito; senti-me cansado devido ao excesso de exercício físico e deixei-me cair na erva, preso da tremenda impotência do desespero.

A história do falecido Sr. Elvesham

H.G. Wells

E então ocorreu-me uma coisa tão trivial e porém tão terrível que ainda hoje estremeço quando penso nesse momento. Falei em voz alta. Disse: " Como diabo vim aqui parar?" ... E a voz não era minha.

Não era a minha, era fina, de articulação arrastada, a ressonância dos meus ossos da face era diferente. Então para me tranquilizar, passei uma mão sobre a outra e senti pregas soltas de pele, a lassidão ossuda da idade.

"Isto é certamente", disse eu naquela horrível voz que de alguma forma se conseguira instalar na minha garganta, "isto é certamente um sonho!"

Quase tão depressa como se o tivesse feito involuntariamente, enfiei os dedos na boca. Os meus dentes tinham desaparecido. As pontas dos meus dedos percorriam a superfície flácida de uma fileira regular de gengivas enrugadas. Fiquei doente de desalento e desgosto.

Senti então um desejo apaixonado de me ver, de perceber de uma vez e em todo o seu horror a mudança pavorosa que me ocometia.

Sem porta

Thomas Wolfe

Por isso, não conseguia pensar que ele morrera. E, à noite, na casa de minha mãe, deixava-me ficar estendido na cama, no escuro, escutando o vento que varria as folhas no chão vazio, ouvindo ao longe a ventania e o ladrar de um cão, sentindo o tempo obscuro, o tempo estranho, o tempo secreto e estranho fluindo à minha volta, lembrando da minha vida, desta casa, e todos os milhões de rostos estranhos e secretos do tempo, pensando, sentindo, pensando:

"O Outono voltou de novo... eu voltei a casa e encontrei o meu pai morto... e isso é o tempo... o tempo... o tempo... Aonde irei agora? O que hei-de fazer?"

(...)

A tempestade fez estremecer a casa nessa noite.

(...)

As velhas portas oscilavam, rangendo na escuridão, uma escuridão de breu opressiva, uma escuridão que nos penetrava, enchia a casa de noite, movia-se à nossa volta suave e secreta, palpável, repleta de mil e uma presenças secretas (...) e a tempestade abanava a casa e algo algures se agitava e rangia com o sopro forte da ventania.

A casa assombrada

Virginia Woolf

Fosse qual fosse a hora a que acordássemos, havia sempre uma porta que batia. De sala em sala ou de quarto em quarto, um par de fantasmas de mão dada ia mexendo aqui, abrindo ali, fazendo isto ou aquilo.

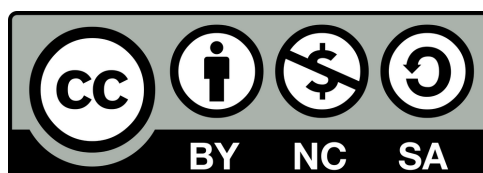
"Foi aqui que o deixámos", dizia ele. E ela acrescentava: "Oh, ali também!"

"E em cima", murmurava ela.

"E no jardim", sussurrava ele.

"Cuidado, devagar", diziam ambos, "ou vamos acordá-los."

Mas não era isso que nos acordava. Oh, não! "Lá andam à procura: estão a levantar as cortinas", dizíamos, por exemplo, e continuávamos a leitura por mais uma ou duas páginas. "Agora acharam", podíamos por fim ter a certeza, detendo o lápis na margem do livro. E depois uma pessoa, já cansada de ler, podia pôr-se a procurar por sua própria vez, levantando-se e andando pela casa vazia, com as portas deixadas abertas, e ouvindo apenas arrulhar os pombos no bosque ou a máquina de debulhar ao longe na quinta. "O que é que eu estou aqui a fazer? Afinal andava à procura de quê?" As minhas mãos estão vazias. "Talvez seja então lá em cima?" As maçãs estão no sotão. Já estou cá em baixo outra vez, o jardim continua tranquilo, apenas o livro escorregou e caiu na relva.



Uma produção EVA CARTONERA
em parceria com a ADAO - Associação de Desenvolvimento de
Artes e Ofícios

